

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE MATRIZ AFRO-BRASILEIRA

Maria Rodrigues da Silva¹

Este artigo é um fragmento da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, que teve como objeto de estudo uma análise literária de um conto infanto-juvenil de matriz afro-brasileira, *Ulomma: a casa da beleza*, do escritor nigeriano Sunday Ikechukwu Nkeechi (2006), radicalizado no Brasil. A literatura dos contos de matriz afro-brasileira traz uma riqueza mitológica no universo cultural e religioso, levando em consideração a pluralidade no contexto social e cultural da sociedade moderna.

Para manter a sua tradição, Sunny como ficou conhecido no Brasil, escreve contos sobre a história da África nigeriana e de seus ancestrais como uma forma de cuidar da memória do seu povo, mantendo o passado vivo por meio dos valores divulgados na sua literatura, confirmando a relevância dos conhecimentos produzidos através da articulação entre a História e a Literatura no enriquecimento do universo mágico cotidiano.

A literatura tem um papel importante para a humanidade. A partir dela podem-se unir os mitos fundamentais da comunidade, de seu imaginário ou de sua ideologia. Na literatura brasileira, o negro é uma palavra excluída, frequentemente esquecida, ou uma representação inventada pelo outro, em geral é o elemento marginal.

O conto *Ulomma: a casa da beleza* foi inspirado nas deliciosas histórias que o autor ouvia nas noites de lua cheia ou lua nova com os sete irmãos e a família debaixo dos pés de mangueira na aldeia, na cidade de Nkalagu, oeste da Nigéria.

O conto traz uma releitura do reencantamento do sagrado em um mergulho aos novos olhares a vivência da maternidade no contexto da globalização, no campo das diferentes máscaras sociais, do trabalho, da família, da academia, rebuscando o desejo de vislumbrar a maternidade como a maior sacralidade da humanidade, uma vez que nos dias atuais não é visto como manifestação ao sagrado.

O interesse pela literatura de matriz afro-brasileira surgiu logo após a conclusão do curso de Especialização em Ciências das Religiões da UFPB no ano de 2007. Foi quando começou uma nova jornada na busca desses contos.

Foi feito um levantamento sobre edição de livros de matriz afro-brasileira nas livrarias, sebos e bibliotecas públicas e escolares da cidade de João Pessoa. No início da pesquisa não foi encontrado nos acervos das bibliotecas escolares nenhum conto infanto-juvenil de matriz afro-brasileira, permanecendo até hoje essa lacuna nos acervos da maior parte das bibliotecas escolares, tanto públicas como privadas, da referida cidade.

Continuando com a caminhada, foram visitadas algumas livrarias e editoras e, foram encontrados alguns livros da literatura-infanto-juvenil de matriz afro-brasileira: Felicidade não tem cor, de Júlio Emílio Braz, Editora Moderna; Histórias da África, de Geina Mhlope, Editora Paulinas; Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado, Editora Ática; O gato e o Escuro, de Mia Couto, da Companhia das Letrinhas; Os Reizinhos do Gongo, de Edmilson de Almeida Pereira, Editora Paulinas; Contos da Lua e a Beleza Perdida, de Sunny, Editora Paulinas; Contos africanos para crianças brasileiras, de Rogério Andrade Barbosa, da Editora Paulinas; e do mesmo autor Outros Contos africanos para crianças brasileiras.

¹ Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. E-mail: maroca-rodrigues@hotmail.com

Em cada leitura desses contos estavam presentes: o simbolismo, a mitologia e o retorno a natureza, tantos ensinamentos e todo um sagrado contido nas histórias que podem contribuir para a formação do indivíduo, possibilitando-lhe tornar-se mais amável consigo mesmo, com o outro e com a natureza.

Na análise do conto *Ulomma a casa da beleza*, foram feitas várias intextualidades com escritores que tratam à temática: maternidade, feminismo e racismo em uma discussão a respeito à mulher negra que, na contemporaneidade, ainda vive sob o domínio masculino como objeto de procriação, muitas vezes rejeitada caso não tenha condições de procriar para elevar o poder do macho.

No que se refere à literatura, segundo Pereira (2007), a literatura afro-descendente surgiu, no panorama afro-brasileiro, nas obras de alguns autores e autoras afros descendentes no período dos séculos XVIII, XIX e XX dos quais podemos mencionar: Caldas Barbosa, Gonçalves Dias, Tobias Barreto, José do Patrocínio, Luiz Gama, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Solano Trindade, Edmilson de Almeida Pereira, Conceição Evaristo, entre outros.

Os debates em torno da literatura afro-brasileira vêm se ampliando com o intercâmbio entre os autores, críticos e público, atraídos por essa linha de criação literária. Ainda assim, entre os escritores que se assumem como negros, alguns deles muito sensíveis à exclusão dos descendentes de escravos na sociedade brasileira, existe resistência quanto ao uso de expressões como escritor negro, literatura negra, literatura afro-brasileira.

Os critérios para definir a Literatura Negra ou afro-brasileira são um tópico polêmico que antecede e, às vezes, supera o espaço destinado à análise das obras literárias propriamente ditas. Dentre os diversos critérios empregados para definir essa literatura, tem se considerado os critérios étnicos (que vincula a obra à origem negra ou mestiça do autor) e temáticos (que identifica o conteúdo de procedência afro-brasileira como caracterizador da Literatura Negra ou afro-brasileira).

Portanto, estes critérios se apresentam pouco abrangentes, uma vez que podemos observar o fato de possuímos, ao longo da formação literária brasileira, negros e mestiços escrevendo de acordo com os padrões clássicos oriundo da Europa, como também escritores não negros escrevendo sobre temas de interesse afro-brasileiros como a escravidão, a revolta dos quilombolas e o preconceito racial.

Pereira (2007) a complexidade da literatura afro-brasileira também é uma questão em pauta que diz respeito aos procedimentos estéticos e às opções ideológicas de determinados escritores, tomados muitas vezes como inauguradores dessa vertente literária no Brasil.

Autores afro-brasileiros têm se destacado na busca de uma identidade própria, entre eles podemos citar: Oliveira Silveira, Conceição Evaristo, Salgado Maranhão, Cuti e Jussara Santos, todos preocupados em garantir e ampliar os espaços da literatura afro-brasileira. Em entrevistas com esses autores citados, ficou revelado o vínculo estabelecido entre suas vidas pessoais e a sociedade brasileira, o que ressaltou conflitos e diálogos nestes contatos.

Conceição Evaristo, quando entrevistada pela Escola de Aperfeiçoamento Profissional, (EAP) foi questionada sobre sua convivência com a família, em especial com sua mãe, e se essa relação despertou o gosto pela arte de contar histórias. Evaristo responde que sim, a relação familiar teve influência, apesar de não ter nascida rodeada de livros por sua condição financeira não contribuir para essa aquisição, mas sua mãe compensava lhe contando várias histórias, fazendo brincadeiras e ainda confeccionando bonecas e bruxas de pano e capim. Sem rádio e televisão, as brincadeiras eram artesanais.

Outra questão abordada foi sobre a importância da literatura afro-brasileira e quais os traços característicos. Sem nenhum receio a escritora responde que gostaria que essa literatura fosse aceita tanto pela estética quanto pela ideologia textual, que seus textos, como de outras escritoras, afirmam a existência de um texto feminino negro que deve ser inserido na sociedade.

Nessa última década Evaristo aponta que as discussões em volta da literatura afro-brasileira têm se ampliado, o que leva a uma reflexão sobre a autonomia dessa literatura. E, nesse sentido, afirma, que quando escreve, é Conceição Evaristo, uma cidadã brasileira, negra, viúva, professora, oriunda das classes populares, afirma ainda sua condição étnica, acrescida de outras marcas identitárias.

A referida escritora ressalta ainda que um dos aspectos é tornar reconhecida a literatura afro-brasileira como uma reescrita que valorize seus ancestrais.

Outra colocação feita em sua entrevista trata de como a literatura pode contribuir para a apresentação de temas da cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Evaristo responde; sendo em princípio textos que despertem nos alunos o desejo de adentrar no mundo da leitura, no mundo da literatura. Se o professor pretende usar o texto literário para apresentação de um tema novo, ou como uma nova maneira de colocação de uma determinada temática, o texto em si tem de ser algo desejado pelo aluno. [...] O professor deve estar sempre alerta para o tipo de leitura que está sendo levada para a sala de aula. E em se tratando de literatura afro-brasileira, o mercado, aos poucos vem oferecendo materiais excelentes, obras que procuram inclusive atender às exigências da Lei nº 10.639. (EVARISTO, 2007, p. 277- 283).

A literatura é um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher- mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido (EVARISTO, 2005, p.202).

Edmilson Pereira (2007) esclarece que a identidade da História da Literatura Brasileira está vinculada a uma tradição fraturada, característica das áreas que passam pelo processo de colonização.

A literatura afro-brasileira está integrada à tradição fraturada da Literatura Brasileira, passando por um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais). Faz-se necessário um novo olhar a essa literatura e que ultrapasse as fronteiras, a partir da sua contribuição na formação da sociedade brasileira.

No Brasil, a literatura infantil-juvenil surgiu no final do século XIX e início do século XX, assumindo papéis subalternos. Na maioria das narrativas não era preciso

saber ler, bastava repetir o que se ouvia de outras personagens, como se não tivesse ideias e pensamentos próprios.

Na década de 80, já podemos encontrar alguns livros que rompem de certa forma, um pouco com os modelos de representação da personagem feminina negra, uma vez que esses livros mostram a resistência da personagem negra para além do enfrentamento de preconceitos raciais, sociais e de gênero, e passam a valorizar a mitologia e a religião de matriz africana. Rompendo, assim, com a representação e desqualificação das narrativas oriundas da tradição oral africana no imaginário popular brasileiro.

Para que a literatura de matriz africana encontre espaço no universo escolar, se faz necessário um maior conhecimento por parte dos professores dessa literatura, com o objetivo de desenvolver práticas pedagógicas transformadoras, que contribuam para a legitimidade das várias culturas e respeito à pluralidade cultural e religiosa. Assentando a devida valorização dos afro-dependente e africanos como forma de minimizar dores silenciadas ao longo do tempo, oportunizando um regaste histórico e social a uma nova reconstrução da cidadania na contemporaneidade.

No exercício da educação, a literatura oral e escrita assume uma parcela prioritária na formação do indivíduo, pois a partir dos contos é possível repassar uma história real, seja escrita nos dias atuais ou mesmo há séculos, como relata as histórias míticas e religiosas.

Para a escritora e psicóloga Heloisa Pires Lima toda obra literária, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. [...] Mas, quem escreve ou desenha a obra? Descolando o autor do ilustrador, a obra da editora pode observar melhor a conexão de um sistema de crenças e valores que se reconstrói através das imagens. Nessa dimensão, a literatura é, portanto, um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde “ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito”. E se verticalizarmos, nesse contexto, o tema das relações raciais no Brasil, o livro infanto-juvenil torna-se um documento importante para uma análise (LIMA, 2001, p. 96).

O ensino da história da África e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas vêm atender a uma reivindicação de várias décadas do Movimento Negro, na luta contra o racismo e a desigualdade social no Brasil. É visível a herança africana na formação do povo brasileiro, passando pelo aspecto cultural e religioso.

A discriminação no ambiente escolar acontece visto ao silêncio por muito tempo e ainda nos dias atuais em relação ao direito a diferença, uma vez que ainda se observa atitudes de preconceitos raciais nas relações humanas sejam nas empresas, na mídia e na religião.

Negar a história da África é negar a história do povo brasileiro, mesmo com a Lei nº 10.639/03, ainda é visto no cenário atual dos currículos dos Cursos de História das Universidades Brasileiras, o mínimo de disciplinas específicas sobre a África e no Ensino Fundamental e Médio a falta de interesse dos ensinantes seja da disciplina de história ou das outras disciplinas a não conduzirem os aprendentes à investigação dos conhecimentos culturais da sociedade africana, e de reconhecer a relevante contribuição dessa sociedade para a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira.

A inserção desses conteúdos nos currículos assumida pelo Ministério da Educação tem como objetivo corrigir injustiças, eliminar discriminações, promover

inclusão e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro, o que consta nas Diretrizes Curriculares/2005

Daí a urgente necessidade dos ensinante e aprendentes se articular dentro de uma dialógica, fortalecendo uma rede de convivência que resulte não apenas na questão do ensino-apredizagem de determinados saberes, mas na percepção da importância de práticas pedagógicas inovadoras que promovam relações de convivências permeadas de atitudes de respeito a diversidade.

Nesse cenário é possível redesenhar uma sociedade pluridimensional com possibilidades de contemplar a todos na sua complexidade, expressas nas mais diversas linguagens como a dança, a música, a poesia, a religião, a literatura e muitas outras formas de expressões.

A educadora Vanda Machado compartilhando das premissas deste conceito:

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na *grande história da vida*. No pensamento africano, a fala ganha força, forma e sentido, força e orientação para a vida. A palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e de ensinar. Assim nasceram os mitos. Contar um mito, em muitos lugares na África, faz parte do jeito de educar a criança que, mesmo antes de ir para a escola, aprende as histórias da sua comunidade, os acontecimentos passados, valorizando-os como novidade. (MACHADO, 2003, p.3-4)

A nossa mente está permeada de encantamento ou desencantamento, tanto o mito como o simbolismo nos mostra possibilidades de mergulhar num mundo imaginário, lúdico e criativo, que pode nos remeter a várias interpretações que possibilitam ao exercício de alargamento de novos horizontes.

A luz dos contos de matriz afro-brasileira é possível se resgatar os mitos e provocar nos ensinantes e aprendentes, um novo olhar a sua identificação no campo das diferentes máscaras: no trabalho, na família e na escola, tendo em vista a falta do desejo de vislumbrar o mundo mágico e simbólico na própria natureza.

O homem perdeu o convívio com a natureza, guardando seu imaginário em uma inércia, sem criatividade, tornando-se um indivíduo apático, conformista, sem lutar pelos seus sonhos porque seu herói está dormindo, possível de ser visto nos contos de fadas, com possibilidades de encontrar seres humanizados e reencontra-se consigo mesmo.

Para H. Bâ, autor africano, “a tradição oral é a grande escola da vida, sendo, ao mesmo tempo: religião, arte, ciência história, divertimento, recreação, pois todo pormenor nos remota à uma Unidade primordial. Ou seja, para compreender a realidade não há que se separarem as partes, isolando as áreas do conhecimento, pois a compreensão de cada parte, mesmo resguardadas suas especificidades, remonta ao todo, sem hierarquizações de conhecimentos e saberes. Tendo por base a iniciação e a experiência, o homem que se forma na tradição oral é conduzido à sua totalidade.

A oralidade é um dos conceitos que podem ser referenciados e trabalhados em sala de aula a fim de compreender uma das tradições africanas mais relevantes e influenciadoras no processo de formação da identidade brasileira. As identidades pedagógicas que o educador forma através do período que vive nos conhecimentos acadêmicos se une às formações discursivas durante o exercício de sua atividade educadora, interagindo com os estudantes e a comunidade escolar.

Na sociedade africana, a tradição de repassar os valores significativos da sua cultura demonstra como as histórias são fontes de aprendizagem. Contar e ouvir histórias são caminhos re-construídos, gestos esquecidos pela contemporaneidade. Por não vivenciar essas experiências, o indivíduo também perdeu contato com seu imaginário, com o silêncio interior, com a possibilidade de se encantar com as histórias contadas pelos seus ancestrais.

Este trabalho aponta a necessidade de disseminar a literatura de matriz afro-brasileira nos mais diversos espaços: na escola, na família e em todos os setores da sociedade. O que pode ser realizado a partir de oficinas de leitura no viés da literatura de matriz afro-brasileira com formações para professores, tornando-os multiplicadores desse conhecimento, com práticas pedagógicas transformadoras que contemplem essa literatura, em uma valorização à memória ancestral, na perspectiva de recompor essa lacuna ainda silenciada na história oficial.

A história e a literatura contribuem significativamente para refazer esses caminhos, com o compromisso de repassar para as novas gerações valores esquecidos como a diversidade, o respeito e a escolha da crença. Vale salientar que os espaços por excelência que favorecem essa nova construção cidadã é a família a escola.

Entretanto, foi preciso a criação de uma lei que trate da temática da africanidade no currículo escolar (Lei Nº 10.639/03), para que seja inserida a literatura de matriz africana e desperte a sensibilidade dos professores, bibliotecários, psicólogos, e outros profissionais da educação a fim de dinamizar essa literatura nos vários formatos: da, da música, da dança, da religião, da política e em todo o contexto social e cultural de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

- BÁ, Amadou Hampatê. **Amkouell: o menino fula**. Palas Athena, 2003
- CHAGAS, Waldeci Ferreira. Por dentro da história: formação docente e cultura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com>. Acesso em 23 de maio de 2010.
- COELHO, Nelly Novais. **O Conto de Fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FRAGA, Walter. **Uma história da cultura afro-brasileira**. São Paulo: Moderna, 2009.
- LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: **Superando o racismo na escola**. MUNANGA, Kabengel. Brasília: Ministério da Educação Fundamental, 2001.
- MACHADO, Vanda. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador: EDUFBA-SMEC, 2002.
- Ministério da Educação: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal 10639/03**. Brasília, 2005, 239p (coleção Educação para todos)
- MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação Fundamental, 2001.
- OLIC, Nelson Bacic. **África: terra, sociedade e conflito**. São Paulo: moderna, 2004.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SUNNY. **Ulomma: a casa da beleza e outros contos**. São Paulo: Paulinas, 2006.